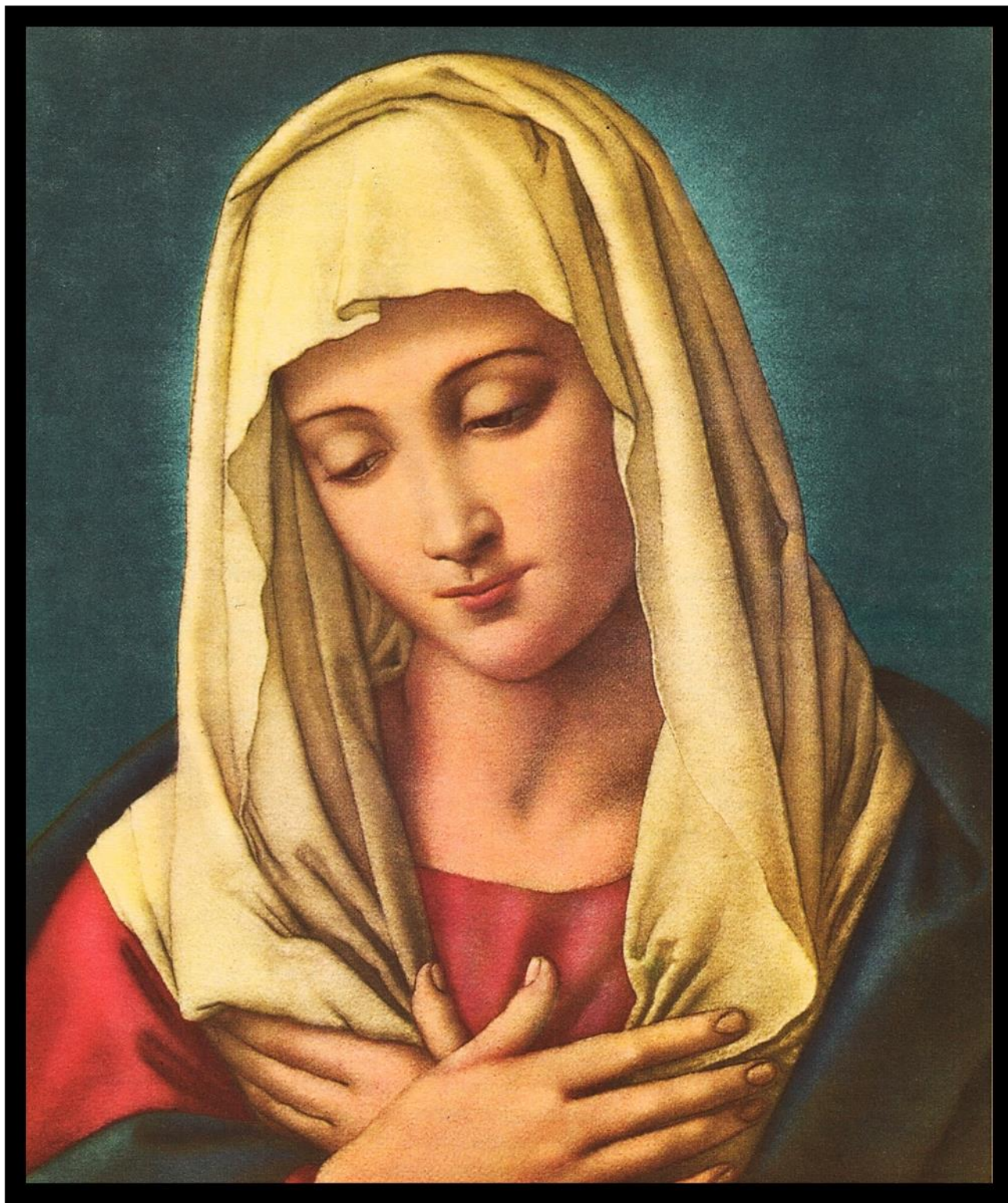


# *A Fé da Mulher*



Homilia do Padre Ernesto Popelka I.D.



## A FÉ DA MULHER

(17/08/08. 20º Domingo do Tempo Comum, Ano A)

Leituras: Is 56, 1. 6-7; Sal 66, Rom 11, 13-15. 29-32.

Leitura do Santo Evangelho Segundo São Mateus (15, 21-28):

*Jesus, partindo dali, retirou-se para os arredores de Tiro e Sidônia. E eis que uma cananéia, daquela região, veio gritando: “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim: a minha filha está horrivelmente endemoninhada.” Ele, porém, nada lhe respondeu. Então, os seus discípulos chegaram a ele e pediram-lhe: “Despede-a, porque vem gritando atrás de nós”. Jesus respondeu-lhes: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Mas ela, aproximando-se, prostrou-se diante dele, e pôs-se a rogar: “Senhor, socorre-me”! Ele tornou a responder: “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos os pães dos filhos”. Ela insistiu: “Isso é verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos das migalhas que caem da mesa de seus donos!” Diante disso Jesus lhe disse: “Mulher, grande é tua fé! Seja feito como queres”. E a partir daquele momento sua filha ficou curada.*

### **Introdução:**

“Grande é tua fé”, disse Jesus à cananéia. Que grande é o destino da mulher, a vocação da mulher, o papel que Deus outorgou à mulher! Provavelmente, assim como Deus depositou uma predileção especial nessa criatura, também lhe pôs o diabo,

desde o princípio, (para plagiar, imitar, pouco original e invejoso que é, por Deus não o haver escolhido, em sua pretensão de destruir tudo que por Deus foi eleito). Se digo isso é porque desde o princípio existe esse combate entre uma seletividade muito particular de Deus e, ao mesmo tempo, uma eleição também do diabo. Essa luta que se segue de maneira escatológica – como dizemos na Teologia –, uma vez que o Apocalipse relata que até o fim dos tempos a “*mulher vestida de sol com a lua debaixo de seus pés*” – como a imagem da Guadalupana que temos aqui – seguirá lutando contra “*a serpente que é o demônio e Satanás* (Cf. Ap 12, 1-17 e 20, 2 ss)”.

Desde o princípio, portanto, estamos diante desse acontecimento cósmico, dramático e também íntimo e particular. Tão transcendente quanto simples, como a luta diária entre uma tentação, um pensamento, é a fé que tem a mulher. O mesmo combate universal e cósmico também se dá nas pequenas coisas.

Dizia-lhes ao começo da Missa que vamos dedicar todo este vigésimo domingo do Tempo Comum a esta reflexão, conscientização e exaltação da figura da mulher. Elevando Maria Santíssima – “*bendita entre todas as mulheres*” (Lc 1, 42) – a quem nesses dias temos venerado em todo o mundo, em sua Assunção ao Céu para ser coroada de glória e majestade. Maria Santíssima é a primeira ressuscitada depois de Cristo, e como no dia 15 de agosto a Igreja inteira celebra a Santa Maria, ainda vivemos os ecos dessa festa, que seguem se repetindo em nossos ouvidos e em nosso coração.

Também as leituras desse domingo apontam nesse sentido. A primeira leitura, de Isaias, utiliza o símbolo da casa: “*minha casa é casa de oração* (Is 56,7)” e não será destruída, nem contaminada, nem deturpada, dirá Jesus (Jo 2, 3-17), tomando por símbolo aquilo que em Gênesis disse Jacó: “*esta é a casa de Deus e a porta do céu* (Gen 28,17)”, “*domus Dei et porta caeli*”. Esta frase, ladainha, esta invocação de ser “*casa de Deus e porta do céu*” a Igreja atribui, naturalmente, a Maria Santíssima. Porque ela em seu ventre – “*bendito é o fruto do teu ventre* (Lc 1, 42)”, carregou Jesus. Maria foi a primeira casa de Deus neste mundo, o primeiro veículo, o primeiro receptáculo, o primeiro lugar que Deus teve no mundo para habitar (Jo 1, 14) e de onde se propagou ao mundo inteiro.

Escutamos canções, leituras do Antigo Testamento e o Evangelho de hoje, que exaltam uma mulher estrangeira. Quando começamos a ler essa passagem de São Mateus, lhes disse que a região de Tiro e Sidônia é ao norte da Palestina e que Jesus saiu somente duas vezes de seu país, Palestina. Uma vez cruzou o Jordão e foi à região dos gerasenos, quando curou aquele endemoniado (Lc 8,26-40; Mc 5,1-21), e a outra vez foi esta que acabamos de ler, quando cruza Tiro e Sidônia, região onde atualmente é o Líbano.

Digo-lhes isso porque, primeiramente, Ele não tinha a missão de estender a fé ao mundo pagão, já que isso fariam seus filhos, os discípulos. No entanto, como exceção, se encontra em Tiro e Sidônia, e por isso mostra-se, aparentemente, tão depreciativo ou

agressivo com esta mulher. Porém, acabamos de ver, sua postura “agressiva”, que durou apenas dois minutos, foi adotada com a intenção de ver ia a fé dessa mulher, como se lhe dissesse: “O que acontece contigo? Pedes, pedes, pedes e é a única coisa que fazes?!”. Ainda, como disse expressamente, é uma estrangeira. “Não, eu não vim para essa gente”, diria Jesus, “Eu vim para os filhos de Israel, estes aqui são estrangeiros”. Logo veremos que a Boa Nova chega a todos os rincões do mundo, porém, não foi assim no princípio.

Percebemos que a mulher insiste; insiste tanto que aborrece os apóstolos gritando – nós lemos, não é invenção minha, eu só enfeito um pouco –, até que os discípulos dizem a Jesus: “Faz-lhe o favor, pelo menos para que se cale”. “Não, nem para que se cale vou fazer-lhe esse milagre”. Mais ainda, vocês me perdoem, não são palavras minhas, são palavras do Evangelho, Jesus a trata como cão, disse-lhe assim: “*Não está bem tirar o pão dos filhos para jogá-lo aos cães (Mt 15, 26)*”. “Bem – disse-lhe a mulher –, não há problema; porém às vezes até os cães comem as migalhas”. Então Jesus, diríamos, tirou o chapéu para ela e disse-lhe: “Bendita tu também mulher, por tua fé; por isso vai se cumprir tudo o que desejas e ainda mais, mais do que imaginas”.

I) A esse destino está chamada a mulher, por isso tem um combate inicial com o diabo e por isso muitas vezes perde e, em muitas outras, ganha. Desde o princípio, quando Deus cria a mulher com todo esse simbolismo que aparece em Gênesis 3 – o barro, a água, a costela, o sonho, etc. – o autor sagrado, que é um

poeta muito fino, alegoricamente define **a criação da mulher “em relação”**. Desde o momento da criação a mulher não tem consistência “em si mesma”, está criada “em relação”. É uma entidade – perdoem-me o exemplo, com a maior delicadeza lhes digo – como o valor de uma moeda, por assim dizer. Quanto vale o peso mexicano? Bem, “em relação” ao dólar, vale 10 pesos, 1 dólar, enfim, “em relação” ao euro, da União Europeia, ou “em relação” ao yen, do Japão, vale uma certa quantia... Ou seja, algumas vezes temos na vida valor por nós mesmos e, em outras, temos valor comparativamente. Somos mais bonitos ou mais feios, mais inteligentes, ou mais atentos, “em relação” a outros. Agora estamos assistindo as Olimpíadas, e uns alcançam alturas maiores, outros são mais velozes, outros chegam mais longe, enfim. Há vezes que temos valor pelo que temos em nós mesmos e, em outras vezes, “em relação”.

Resumindo, a criação da mulher é “em relação”. Primeiro, em relação a Deus Pai, que exerce o papel de Criador; é o Pai que cria. Então, em primeiro lugar, o papel da mulher em relação ao pai é o de ser filha, de reconhecer-se filha. Portanto, em relação ao pai, deve reconhecer-se agradecida, obediente, respeitosa com quem lhe deu a vida, o Pai Deus, através de seu próprio pai.

Segundo, em relação ao homem, que no caso da criação era Adão; a mulher tem um papel, diríamos, de companheira, de complemento, de amiga, de sócia junto ao homem, de igual ao homem. Não somente no papel de esposa, mas também no papel de irmã, vizinha, companheira de trabalho, de igual. Vamos



chamá-la de companheira, pois assim diz a Bíblia: “Vou criar uma companheira para o homem”, uma companhia (Gen 2,22-23; 3,12). Repito, não somente no caráter esponsalício, mas também no caráter amistoso, relacional, social, etc., que a mulher deve ter em relação ao homem, de igual para igual; já que desde o princípio foram feitos iguais.

Em terceiro lugar, diz claramente a Bíblia, a criação da mulher é também em relação ao filho, ao que dela vai nascer. Bendito seja Deus que a elege para tamanha vocação e, portanto, aí tem o papel de mãe, que educa, forma, corrige, que é mais que o filho.

Essas funções de filha, de companheira e de mãe, são dadas por Deus para dignificar a mulher. Porém quando esses papéis se entreveram, se misturam, se confundem – coisa que ocorre todos os dias, e de forma muito frequente – começam todos os problemas de relacionamento, os complexos, patologias, enfermidades, confusões, entreveros, conflitos, etc. Especialmente quando estes papéis se confundem, visto que a mulher é criada “em relação a”, isto gera em problemas de relacionamento. Por exemplo, quando a mãe, ao invés de ser mãe – valha a redundância – de seu filho, atua como igual perante seu filho, o filho lhe “monta em cima”! Ou quando a mulher, em vez de ser companheira ou igual ao homem, atua como filha, então o machismo aparece; ou quando tem que ser filha de um bom pai, e atua como companheira, ou como mãe, ou de igual pra igual. Essas confusões, de ser filha de um marido ou ser mãe de um



marido, ao invés de ser a esposa de igual para igual do marido, fazem com que a mulher, ao invés de criar três filhos, crie quatro. Digam-me se não é assim? Depois se queixam dos matriarcados, quando a mãe, ao invés de ser mãe de seus filhos, é filha, ou irmã, ou cúmplice de seus filhos. Essas confusões em inglês são chamadas de “role playing”, troca de papéis, quando ao invés de exercê-los corretamente, deixa que eles se misturem e gerem toda essa confusão, entrevero, nigredo e angústia na vida comunitária e nos relacionamentos. A confusão começa precisamente por isso, por não sermos lhe fiéis ao destino e a vocação que Deus nos deu.

**II) Brevemente estou lhes comentando o grande papel que a mulher tem em relação ao homem.** Porém, o papel fundamental da mulher não é somente a respeito ao homem, mas também a respeito a toda a humanidade, seja com os homens ou com as demais mulheres, supostamente, porque é mãe de um filho ou mãe de uma filha. “Em relação” a outra pessoa, a mulher tem, às vezes, um papel fundamental quanto à dignificação do homem. Conforme a mulher trate ao homem, será o estímulo, a motivação, a dignidade, a meta. Graças a isso, digo eu, saímos das cavernas para caçar bisontes, caso contrário, estaríamos fazendo desenhinhos dentro das cavernas! Por ter a mulher insistido e estava ali incomodando como que dizendo: “não, velho, vai caçar que isso não é o suficiente...” então, pelo menos para que ela se cale, nós saímos para a caça. O mesmo acontece aqui, os apóstolos dizem a Jesus “pelo menos para que essa mulher se cale, faz-lhe o

milagre”; pelo menos para que não incomode, também o juiz faz justiça à viúva impertinente que lhe batia à porta (Lc 18,2-5). Isto não é para ridicularizar, ao contrário, é para mostrar que as grandes condutoras da humanidade hão sido, também, mulheres; muitas têm “levado a batuta”, talvez de maneira mais anônima que o homem, porém, têm sido as que estavam nos bastidores.

Evidentemente, a mulher tem uma função ou um papel fundamental quanto à motivação, ao estímulo, à dignificação, porém, também, o contrário também é verdadeiro, quando às vezes vemos em suas relações que pela opressão, asfixia e dependência, arruína seus filhos, arruína seu marido. Depois ela se queixa de que o esposo é “um inútil de duas patas”, como diz a canção. Porém, foste tu que o transformaste nisso! Não te queixes do que tu mesma fizeste, porque tu poderias ter um grande homem ao teu lado e, no entanto, lhe foste pisando e dizendo que era um inútil desde muito cedo. Para quê? Para que te desse bola. Ou lhe corrigiste, lhe repreendeste, ou lhe “baixaste a bola” – conforme teus critérios – e depois te queixas de que ele é um inútil, sendo que tu o fizeste assim! Ou fizeste isso com teu filho, com teu irmão, ou com teu próprio pai. Portanto, como Eva, a mulher confunde o homem em vez de estimulá-lo ou motivá-lo. Perdoem-me vocês, mulheres, que entendem muito melhor o que estou dizendo. Mas, digam-me se às vezes, até mentindo um pouquinho pra que acredite, o homem não acaba se tornando aquilo que a mulher o fez acreditar que é? Quantas vezes nos trataram como o que não éramos e depois acabamos nos tornando isso! Quando nos

disseram “tu és um gênio”, “tu és grande”, “tu podes”, e nós acreditamos, com o tempo realmente acabamos sendo o que um tempo atrás nos fizeram acreditar que seríamos. Então, valeu!

Portanto há um papel chave da mulher, tanto para a elevação, como para a perdição do homem. Há um formoso livro de um teólogo russo, Paul Evdokimov, que se intitula “A mulher e a salvação do mundo”, onde ele insiste nisso que estou lhes dizendo: conforme a mulher trate a humanidade, a humanidade será. Porque ela tem um papel chave no que se refere à educação, à formação, à estimulação... Recordo daquela alegoria do quadro de Eugenio Delacroix, onde a mulher aparece com a bandeira francesa levando adiante as tropas... Que coisa linda! Mostra simbolicamente como pode ser a figura feminina que “arvora os estandartes”, levando adiante uma família, uma comunidade e um país, ao invés de queixar-se ou criticar, ou ficar bisbilhotando ou fofocando, porque aí vamos pra trás. Da atitude da mulher, depende sua salvação ou sua perdição, não há dúvida. E não porque o homem não tenha valor em si mesmo (se quiserem outro dia falamos do homem, viril, com muito prazer), porém hoje estamos falando da mulher, para exaltá-la e, primeiramente, para tomarmos consciência. Havia um livro na Argentina, há muitos anos, que se chamava “O varão domado”; domado pelas competições, pelas rivalidades, pelo sadomasoquismo, pelas dependências, pelos machismos ou matriarcados, pelos feminismos que, lamentavelmente – para que vou lhes contar, se

sabem melhor que eu? – arruinam as comunidades, as almas, as famílias e a humanidade inteira.

**III) Se diz, injustamente, que São Paulo somente critica a mulher.** Às vezes a critica porque fala de mais, ou porque é provocativa; às vezes a critica quando transmite ou divulga curiosidades ou fofocas (Cf. I Cor 11,5-11;14,34-35; I Tim 2, 9-11; 3,11). Mas São Paulo dignifica a mulher em uma oportunidade, quando diz aos Gálatas – como se fosse pouco – “*o Messias nasceu de uma mulher (4,4)*”. É a única vez que a exalta diretamente, geralmente é crítico.

Bem, não somente o apóstolo é crítico, mas a própria psicologia contemporânea também é. Repassando brevemente os livros de psicologia de Carl Gustav Jung, ou da terapeuta francesa Maria Luísa Von Franz, vemos justamente como colocam que na psicologia da mulher, que por fora pode ser aparentemente muito sensível, feminina ou discreta, por dentro há algo como um espírito ou mecanismo – lhe chamam “animus” – muito frio, calculista, intelectual, reflexivo, racional, reflexo, pouco espontâneo, e inclusive chamam isso o “sexto sentido” ou a intuição feminina. Muitas vezes esse caráter interior resulta até cruel, inflexível, persistente, teimoso, néscio, e estou usando termos do Antigo Testamento para falar também da insensatez ou da teimosia, ou dessa perseverança mal entendida, que a faz seguir sustentando o que disse até a morte, por mais que esteja equivocada. Sobre esse pensamento interno da mulher, disse o

psicólogo que “geralmente tem razão, porém, está fora da realidade”. Por exemplo, minha mamãe me disse: “Ernestinho, põe uma manta e um abrigo para sair esta noite, porque se o frio te pega vais ficar com gripe ou pneumonia”. O que disse minha mamãe está certo, porém, se distancia da realidade, porque “faz 40° de calor, mamãe!”. “Não importa, leva um abrigo mesmo assim...”. Minha mãe tem razão no que diz, porém, não tem nada a ver com a realidade. Outro exemplo é o daquela prefeita de uma cidade, ao assumir, disse que o primeiro que faria é fechar todos os bares, porque são fonte de pecado, perdição e depravação. Então, se aproxima o secretário e lhe diz: “Senhora prefeita, aqui não há bares, estão em outro povoado”. E ela responde: “Não importa, fecho igual”. O discurso da prefeita é razoável, porém, não tem nada de realidade... Enfim...

Lamentavelmente, esse espírito utilizado para o mal causa estragos e, no entanto, se utilizado para o bem, pode ser o condutor da humanidade, da sabedoria espiritual que tem a mulher sobre o homem. Um conselho em matéria de vida, em matéria espiritual, da mulher sábia, da mulher inteligente, prudente e cautelosa, faz muito mais efeito sobre o homem que a primeira página do jornal. Uma palavra de estímulo, um alento, um conselho da minha mãe, tem muito mais força em mim do que aquilo que sai na primeira página do jornal. Pois amanhã saem novos jornais e se esquece o de ontem, porém o que disse minha mãe, não esquecerei mais. Não lhes digo somente como filho,

como homem também, o que me disse minha mãe, ou um exemplo que me deu, ou uma imagem, não esquecerei nunca mais.

**IV) Desta maneira a Bíblia vai utilizando, ao longo de toda a Sagrada Escritura, distintas imagens a respeito da mulher.**

Primeiro de desconfiança, de suspeita, por Eva (Gen 3,6), por toda aquela presunção, desobediência, crítica ou indiferença: uma característica das crianças que usamos em psicologia, que é a atitude de “não me importa nada”, “I don’t care” como dizem os estrangeiros. Isto é, o que Deus me disse entra por um ouvido e sai por outro; eu faço o que quero, lhe digo que “sim, sim, sim, meu Senhor”, “sim, sim, sim, meu Deus”, mas por dentro debocho. Esse espírito debochado, esse espírito crítico, esse espírito desobediente, é o que causou desarmonia na humanidade desde o princípio. Portanto, ao princípio, a Bíblia suspeita dessas atitudes “educadas”, que te dizem “sim, sim, sim” mas, por dentro, “tudo está friamente calculado” – como diria o Chapolin. Capaz que vou te obedecer! Por dentro debocho do que tu me dizes, do que Deus me diz, Santa Maria! Quando estás separada de Deus, muitas vezes pensas ser mais que Ele.

Por isso, primeiro, a própria Bíblia pega a metralhadora. Por que faz isso? Por que tem medo da mulher ou porque não a quer? Ao contrário. É porque ela talvez não saiba ao que está chamada. E começam a aparecer no Antigo Testamento as imagens de Sara (Gen 17ss), Rebeca (Gen 24ss), as mulheres dos primeiros Patriarcas, que são exemplo para a humanidade. Em seguida Rute,

Ester, Judite, Susana (Dan 3), a Sulamita do Cântico dos Cânticos, a mãe dos macabeus (Mc 2,7), Raab de Jericó, uma antiga prostituta que foi, no entanto, modelo da liberdade de Israel (Jos 2,6). Santa Maria, Mãe de Deus! Todas essas mulheres do Antigo Testamento condensadas também na imagem da Sabedoria que os escritores apresentam como se fosse uma mulher. Michelangelo, o grande pintor italiano, no quadro da criação na Capela Sistina, põe a sabedoria como uma mulher junto a Deus Criador. Também diz o livro dos Provérbios ao final, ou o Eclesiástico, falando da mulher exemplar (Prov 31, Eclo, 24 e 26,1-4). Portanto, é ambivalente a crítica e a exaltação que o Antigo Testamento faz da mulher.

E chegamos ao **Novo Testamento** onde, para ser breve – e não se preocupem pois eu já me dei ao trabalho de buscar – Jesus jamais critica nenhuma mulher. É assim; nunca criticou nenhuma, a todas lhes “buscou o jeito”, a todas encontrou um pretexto, a todas lhes deu uma nova oportunidade. A não ser em uma parábola, que é uma metáfora, onde falou das virgens imprudentes e tolas que esqueceram o azeite para as lâmpadas; porém, é um conto, nem sequer é uma mulher concreta. A todas as demais, Jesus nunca criticou.

Em sua ascendência, (cf. Mt1) quando aparece a genealogia de Jesus, Ele mesmo não se envergonha de reconhecer-se descendente de Tamar (Mt 1,3), uma adúltera (Gen 38,12-26); de Rute (Mt 1,5), uma moabita que vinha de um povo incestuoso (Gen 19,38) – é o que estava lhes dizendo sobre a troca de papéis



– de Raab (Mt 1,5), uma prostituta; de Eva, ela aparece na ascendência de Jesus (Cf. Lc 3, 23-38); de Betsabé (Que adulterou com Davi. Cf. II Sam 11). Eu sempre digo: “as avozinhas” de Jesus, Santa Maria! Olhem as avozinhas que Ele tem! É o mesmo Jesus que, ao longo de todo o Novo Testamento, como o vemos hoje, exalta a mulher. Recordamos a Samaritana (Jo 4, 5-42), à Maria Madalena (Lc 8, 2; Mc 16-9), que era antigamente prostituta, o que faz por ela! Dá-lhe tudo! Também a adúltera a quem diz: “*eu também não condeno*”, e quem algo a dizer dela que atire a primeira pedra (Jo 8, 3-11). Também, a viúva que dá duas moedinhas (Mc 12, 42-44), a hemorroíssa (Mc 5, 25-34), a viúva de Naim, a quem lhe ressuscita seu filho (Lc 7, 11-15), porque “*tua fé te salvou*” lhe disse Jesus. E esta Cananéia que tratou como cachorra, e ainda assim lhe faz o favor do milagre. E o que falar das três Marias “*junto à Cruz de Jesus*” (Jo 19, 25)! Ali estavam Maria Santíssima, Maria Madalena e Maria de Cléofas; as três Marias, como a constelação que temos no céu.

A respeito da mulher quanto à **escatologia**, a vida futura, elas são as primeiras que presenciam a ressurreição (Mc 16, 1-11); uma mulher “*vestida de sol*”, no capítulo 12 do Apocalipse; outra mulher é a Esposa do Cordeiro (Apo 19, 7-8); outra mulher é a Nova Jerusalém (Apo 21, 9-10); uma mulher também é figura da Igreja, bendito seja Deus! São figuras de mulher, com as quais Deus quer fazer uma aliança.

V) Portanto, **a mulher tem o grande encargo de dar, através de si, a vida que é de Deus, de educar a humanidade, de ser a companheira da humanidade e de transmitir a fé.** Esse é o grande destino que tem a mulher: não somente transmitir a vida física, mas transmitir a vida intelectual, afetiva e, fundamentalmente, espiritual, transmitindo a fé, como a mulher do Evangelho de hoje, a quem o Senhor disse: *“tua fé te salvou”*.

VI) Primordialmente ela está criada “em relação”, não tanto com o resto da criação, mas, em **relação com Deus**. Reitero-lhes que esse é o grande destino da mulher: o de estar em relação, sim, porém não apenas com o resto da humanidade, nem apenas com aquilo a que a mulher deu vida, educou e **transmitiu sua fé**, mas em relação com Deus. E por isso, a grande tática ou estratégia da mulher é sair de si mesma, não pensar em si mesma, não entreverar-se em seus pensamentos, não estar fixada no que vai ganhar ou no que vai alcançar, especulando com segundas intenções ou interpretações, que a levam a crer que é mais inteligente que o próprio Deus, porque sempre “vê a quinta pata do gato” e “entende tudo” (ao menos é nisso que ela acredita). Ao contrário, deve despojar-se de tudo o que tenha a ver consigo mesma e dar-se, entregar-se, ser solícita. Não se preocupem, porque a quem dá com generosidade, especialmente em relação a Deus, Ele lhe retribui de maneira eminente.

Tudo isso é o que celebramos na Assunção de Maria. Porque assim como Ela reconheceu-se *“a escrava do Senhor”* e disse

*“faça-se em mim segundo tua palavra”* (Fiat mihi secundum verbum tuum. Lc 1, 38), foi modelo da fé, como a reconhece Isabel: *“Bem-aventurada és tu que creste (Lc 1,45)”*. Este gesto de fé de Maria para com Deus é o que permitiu a Ele revesti-la de glória e majestade, exaltá-la aos céus, ou seja, “pular mais pra cima”, “ex” em latim significa “mais que”, portanto, exaltar significa colocá-la no mais alto, colocá-la na cúspide.

### **Maria**

Deste modo, então, já que ainda vivemos o eco da festa da **Assunção de Maria Santíssima**, não somente como filhos, nos alegamos por sua exaltação. Ela é, em relação a Deus, a Filha obedientíssima de Deus nosso Pai; também é a Esposa amorosíssima do Espírito Santo, com quem engendraram a Cristo; e ainda assim é a Mãe amadíssima de seu Filho Jesus Cristo, como haviam profetizado as Escrituras antecipando que quando nascesse de uma donzela o Redentor, mudariam os tempos (Is 7,9 e 11; Mi 5). Maria Santíssima é grande aos olhos de Deus, porque se entregou com fé. Por isso não somente foi a Mãe de Deus, bendita seja, que é a grande dignidade de Maria e assim a mais humilde foi a mais exaltada, mas também Maria Santíssima passou a ser Mãe de todos nós, como lhe disse Jesus na cruz, na pessoa de João, *“eis aqui teu filho (Jo 19, 26)”*. Ela é a nova Eva, não somente mãe dos viventes, mas Mãe dos que cremos e esperamos ressuscitar com Cristo. Que Maria Santíssima não somente acompanhe, bendiga, ilumine, fortaleça, exalte, mas que também

agradeça – como somente Deus através de sua Mãe pode agradecer – a todas as mulheres aqui presentes ou representadas, que em Maria e na Igreja têm seu modelo. Que ela siga nos educando como catequista e nos transmitindo a fé a toda humanidade e a nós, que tanto a necessitamos. Como a Nova Jerusalém, que nos espera no Céu, peço a Deus que também Maria nos receba, como Mãe amorosa e clemente que é, no Reino dos Céus, para nossa salvação.

Que assim seja.